

A escrita é a voz do ausente

Ana Cláudia S. Meira¹

*Escrevo-te este fac-símile de livro,
O livro de quem não sabe escrever;
Mas é que, no domínio mais leve da fala,
Quase não sei falar.
Sobretudo falar-te por escrito,
Eu que me habituei que fosses a audiência,
Embora distraída, de minha voz*

Clarice Lispector, 1998, p. 54

Resumo: O presente artigo busca, a partir da frase de Freud contida no título, compreender quais objetos estão presentes no processo de escrita de um trabalho em Psicanálise. Tais objetos estão ausentes fisicamente, mas, subjetivamente, marcam sua presença o tempo todo, na medida em que vamos desenvolvendo um texto. Sua influência terá um caráter mais positivo ou mais negativo, auxiliando-nos neste processo ou dificultando nossa escrita. Esses matizes serão definidos pela qualidade do Eu Ideal e do Ideal de Eu, conforme o trânsito que nos foi possível em nossa dinâmica psíquica.

Palavras-chave: escrita; eu ideal; ideal do eu; narcisismo; psicanálise; leitor; Freud.

“A escrita é a voz do ausente”. Com esta frase, em *O Mal Estar na Cultura*, Freud (1930/2010) refere-se a um dos instrumentos de que o homem poderia lançar mão, em uma época remota, para fazer frente aos limites de seu funcionamento, aos fenômenos da natureza ou às restrições impostas pela vida. Dentre vários recursos, ele coloca a escrita como uma peculiar forma de fazer presente alguém que está ausente, a partir de uma certa negação da distância que separa as pessoas.

A mesma ideia já aparecera no texto *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria*, quando Freud (1905/1981) descreve a escrita como importante meio de se manter

¹ Psicóloga. Doutora em Psicologia (PUCRS). Especialista em Psicoterapia pelo ESIPP. Psicanalista com Formação pelo Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA). Coordenadora da Oficina de Escrita Científica e autora do Livro “A Escrita Científica no Divã: entre as possibilidades e as dificuldades para com o escrever”.

em relação com o ausente. A escrita era o único meio de sua paciente Dora manter contato com Sr. K., então *ausente*. Quando em viagem, o Sr. K. lhe escrevia muitos cartões postais. Em função de uma afonia que denunciava a distância de seu objeto de amor, Dora adquirira especial fluidez e facilidade de escrita; tendo perdido a voz, nada mais compreensível do que tentar se fazer entender pela escrita e corresponder-se com um ausente com quem não pode falar. A afonia de Dora, portanto, admitia a seguinte interpretação simbólica: quando a pessoa amada está longe, ela renunciava à fala, que perde seu valor, já que não pode falar com ele. E o escrever ganhava espaço e sentido: a escrita como voz do ausente.

Tomando, hoje, esse enunciado de empréstimo, o que ele significaria para nós, quando escrevemos? Teria ele o mesmo sentido? Nossa produção de textos visaria a trazer para perto quem está longe, nosso leitor? Penso que sim, que esse objetivo está no cerne de toda a escrita, essa forma de comunicação que está sempre endereçada a alguém.

Na formação, escrevemos muito, mesmo que, por vezes, contrariados e impedidos de reconhecer que a escrita pode ser – acima de uma tarefa a cumprir em cada ano de seminário – uma oportunidade de compartilhar nossas mais íntimas e intensas vivências. Assim, escrevemos para chegar a alguém, para nos fazer ouvir, para narrar aquilo que vivemos a um outro, não mais “eu”.

No ofício de psicanalistas, nossa produção, invariavelmente, é entregue a alguém: desde o material para a supervisão semanal, o relato de casos para seminário clínico, o relatório de supervisão, trabalhos teóricos e teórico-clínicos, estamos sempre às voltas com a escrita e com o outro. Poderia ser, pois, um modo muito familiar de nos comunicarmos, de encontro com o outro, a partir da expressão de um conteúdo interno. Poderia ser uma forma de elaborar sentimentos e pensamentos, a partir da impressão desses elementos no papel, essa superfície que é nosso primeiro interlocutor externo. Poderia ser uma forma de dar-nos a conhecer, a partir da exposição de nosso trabalho com um analisando e de como compreendemos sua dinâmica. Poderia, mas nem sempre é o que acontece.

Para compreender por que, desejo ir mais longe e pensar no lugar e na função desse outro, desse ausente, *durante* o processo de construção de nossos escritos, e não em sua entrega, em sua *remetência*.

Habitados com a solidão e o sigilo de nossas salas de análise, quando atravessamos as portas da privacidade, a publicização daquilo que era particular nos impõe movimentações internas que levam a pensar: sentados, escrevendo, quem nos acompanha? Nesse processo, não há apenas *um* objeto ausente. Nossa escrita é povoada pela voz de *muitos* ausentes.

Enquanto produzimos um escrito, há uma multidão ausente: colegas, analistas, supervisores, avaliadores, coordenadores, orientadores, autores, leitores. Nenhum deles nos acompanha de corpo presente em nossa solitária atividade de escrever; contudo, por tão ausentes, esses todos não poderiam estar mais presentes. Quanto mais longe dos olhos, mais perto do coração... ou da mente. E lá, fazem a festa... ou um estrago: depende de como sentimos essas presenças ausentes.

Vozes que perturbam

O tempo todo, no processo de escrita, sofreremos a influência de inúmeras demandas, objetos, expectativas, temores. Das várias pessoas que surgem em nossa mente e que imaginamos por perto, por admiração, queremos oferecer-lhes o escrito como um presente e pomo-nos em marcha no texto. Por medo, no entanto, paralisamos. Logo, da mesma forma que tais objetos movimentam nossa produção, eles a fazem parar. A partir daí, tomamos dois caminhos: da impulsão ou da repulsão, partindo em direção à escrita, ou fugindo dela, como *o diabo da cruz!*

Quando a fantasia – lugar de companhias sinistras – abriga sombras, fantasmas, perseguidores, são eles que fazemos comparecer como interlocutores de nossa produção. Contudo, muito antes de nos assegurar de nossa capacidade e da qualidade de nossas ideias, esses habitantes do psiquismo vêm apontar as imperfeições, incorreções e inconclusões do texto – este texto que sentimos como um filho, extensões narcísicas nossas.

Assim, o que poderia servir como a companhia que baliza, que aguarda nossa produção e que nos garante uma satisfação pelo reconhecimento e aprovação vindos desde fora, reveste-se de um caráter negativo, uma vez que esse outro pode, na mesma medida, nos desaprovar, criticar e destruir. Se acaba sendo revestido de sentimentos desta ordem – angústia, desagrado, resistência, contrariedade, frustração – escrever pode virar uma tortura.

Por algum motivo, reproduzimos uma relação de caráter negativo, na qual o outro se apresenta para controlar e julgar, desde um lugar superegoico no qual o colocamos. Esperamos por ele, mas, quando nos é perseguidor, tudo o que queremos é fugir dele. Então, seria melhor que ali estivesse de verdade, pois veríamos a cara que faz quando lê nosso trabalho.

Quando estamos diante de um outro presente, de uma plateia ou de um ouvinte, o franzir da testa, o levantar de sobrancelhas, o apertar dos olhos e os movimentos afirmativos ou negativos da cabeça nos dão notícias sobre as ideias expostas. O outro está ali para nos perguntar o que não ficou claro, indagar sobre os trechos mal

compreendidos, questionar sobre alguma afirmação mais ousada. E nós, no mesmo instante, podemos explicar, esclarecer, completar, defender, nos defender.

Com quem está ausente é diferente. Quanto menos realidade material, mais realidade histórica; quanto menos presença, mais fantasias, as piores. Então, nunca estamos sós; nunca falta quem nos faça companhia. A questão é a qualidade dessa companhia. Durante todo o processo de criação de um texto, somos acompanhados desses muitos objetos que esperam algo de nós. Eles, no entanto – isso é que é curioso... –, esperam exatamente o que *nós* projetamos. Mais continentais ou mais exigentes, dependerá de como *nós* lhes recobrimos.

Então, antes de eles dizerem qualquer coisa – quando o texto estiver pronto e for levado a público, quando os leitores forem *de carne e osso* –, parece que somos *nós* nossos piores inimigos, nosso mais severo carrasco: criamos um escrito e depois o ferimos impiedosamente, antes mesmo que ele possa respirar. Por vezes, é com severidade que questionamos nossa capacidade para a escrita, que acusamos nossa inabilidade, que censuramos nossas ideias, que desvalorizamos nosso conhecimento, que criticamos nosso trabalho. Assim, acabamos com ele e com a possibilidade de que o escrever nos seja mais leve.

Na análise, a transferência traz para a cena o que foi vivido em uma realidade distante, em um tempo outro, mas que segue o mesmo e atual. Na escrita, ocorre que aqueles que poderiam ser *bons objetos* de uma transferência positiva dão lugar à projeção daqueles que, em nossa vivência pretérita (mais objetiva ou mais subjetiva), nos criticaram, censuraram, cobraram, desvalorizaram nossas mais diversas produções.

Mas quem são eles? E por que isso acontece, já que parece não fazer sentido algum? Nós contra nós mesmos: não deveria ser o contrário? Freud (1914/2010) chama de *consciência* a um agente psíquico especial que realiza a tarefa de assegurar a satisfação narcísica proveniente do Ideal do Eu e que, com essa finalidade em vista, observa constantemente o Eu real, medindo-o por aquele Ideal. No caso da escrita, logo notamos que é a consciência, mais do que nossos superiores ou mesmo nossos iguais, que vigia criticamente e avalia nossa própria produção.

Freud (1924/2011) atribui a função da consciência ao Supereu. A partir de uma tensão entre o Eu e o Supereu, o Eu reage com angústia à percepção de que não está à altura das exigências feitas por seu Ideal. Freud mesmo se pergunta: “o que desejamos saber é como o Supereu chegou a ter esse exigente papel, e por que o Eu tem de sentir medo quando há uma divergência com o seu Ideal” (p. 196).

Nossos ideais exigem muito mais do que um texto possível. Aceitamos deixar o narcisismo primário, com a condição de que – seguindo adiante na direção do que será uma escolha objetal, mais adiante – o mundo nos reserva a possibilidade de crescer. Porém, o próprio Freud (1914/2010) alerta: “o indivíduo se revelou incapaz de renunciar

à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância e, se não pode mantê-la, [...] procura readquiri-la na forma nova do Ideal do Eu” (p. 40). Então, será mais exato dizer que somente aceitamos sair porque há uma promessa de que o Ideal do Eu promete que, reconhecida a falta, empregamos um esforço que nos garante sucesso. A expectativa, todavia, permanece: novamente atingir o estado de plenitude do Eu Ideal. Se esses dois estados estão muito *colados*, não aceitamos nada menos que a perfeição e a completude que nega a falta e a insuficiência.

Nesse embate entre o Eu Ideal e o Ideal do Eu, se não temos a garantia do destaque almejado – e nunca temos...! –, recolhemo-nos em uma posição de inferioridade ou, em seu reverso, de superioridade e, sem nos atrevermos com um produto concreto – o texto –, não nos arriscamos nem à exposição ao olhar do outro, nem a uma decepção conosco mesmo.

Na medida em que escrevemos e nos deparamos com as ideias tomando forma no papel, somos obrigados a reconhecer a realidade de nossa capacidade de escrita, de elaboração, de fundamentação, de argumentos. Se tal realidade está distante demais da visão idealizada que havíamos formado sobre nós mesmos, a decepção se impõe. Ao saber que nosso texto não carrega tanta perfeição quanto desejávamos, emudecemos ou fugimos ou nos escondemos. Atormentados e exigentes, querendo apresentar o melhor, vemo-nos impossibilitados de fazer o *nosso* melhor, que nunca vai ser suficiente, se o indicador for definido pelo Eu Ideal; só se for pelo Ideal do Eu.

Como a instância reguladora entre esses dois estados que pairam, como uma voz *do além* sobre o Eu, nosso Supereu personaliza-se em cada uma das pessoas que, enquanto escrevemos, imaginamos: quem vai ler, o que vão achar, o que vão dizer, o que vão pensar. A crítica – que parece deles, mas que é, antes de tudo, nossa – é um dos fatores mais contundentes, mais presentes e também mais prejudiciais à possibilidade de exercer o ato da escrita com mais satisfação.

Talvez por antigas heranças, por aprendizagens equivocadas, por críticas um dia recebidas, pelo desvalor anunciado por alguém, pelo destino do papel escrito, pela responsabilidade que um documento impõe, não são poucos os sentidos que a crítica transporta, nem escassas as vozes que carrega. Por isso, haveremos de burlar as resistências oferecidas de todos os lados, em especial os *de dentro*.

Mesmo para quem a escrita é campo de expressão livre, sem conflitos, sem entraves ou impedimentos, chega um dia em que uma eventual paralisia ou um bloqueio de escrever denunciam o atravessamento de objetos que se impõem e de transferências cheia de significados e entrecruzamentos. Em momentos como esse, quanto mais perto chega a data de entrega de um trabalho, mais longe nos sentimos do papel. Levando a escrita para o divã, podemos ir compreendendo – no gerúndio mesmo, porque não é

simples – o que representa, a que desejos atende, que exigências cumpre e que vozes se fazem ouvir ao longe e no fundo.

A escrita acompanhada

Na escrita, um outro, um leitor – quem quer que ele seja – estará sempre presente, compartilhando conosco, de uma maneira ou de outra, o curso de elaboração de um texto, com todos os seus meandros. Freud (1923/2011) já enunciara que os conflitos entre o Eu e o Ideal refletirão, em última análise, o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno. Então, nesse processo, feito um *acerto* entre aquilo que ansiamos, aquilo que podemos suportar e aquilo que devemos buscar, podemos – quem sabe – colocar em marcha nossa produção, melhor acompanhados.

Então, caberá a nós tomar estas companhias naquilo que de melhor elas têm a nos oferecer: não uma visão crítica e severa para o que criamos, mas um olhar do cuidadoso exame que nos informa por quais caminhos ir, que nos abre outras possibilidades, que nos oferece novas questões; alguém – interno ou externo, ausente ou presente – com quem dialogar enquanto estamos sozinhos com nossos textos, anotações, livros e papéis.

Tal como fez Freud em muitos momentos, podemos lançar mão de futuros leitores para balizarem nossa produção. Em um exercício imaginativo, também Freud firmava diálogos com leitores *sem carne e sem ossos*, mas que cumpriam a função de lhe acompanhar o pensamento, o raciocínio e a exposição. Sabemos, desde que habitamos um divã, que a escuta e o olhar do outro nos fazem ver ao longe, muito mais além do que enxergaríamos se estivéssemos a sós. Pois bem, sozinhos não é fácil executar a dupla função de examinar a nós mesmos e a nossos habitantes internos. Como seria diferente com as ideias materializadas em um papel? Até mesmo Freud, em sua “autoanálise”, contou com alguém, contou *para* alguém.

Se o analista que oferece escuta ao que temos a pensar e a dizer é um bem-vindo interlocutor, da mesma forma, podem ser bem-vindos os objetos que, ausentes, marcam sua presença em nossa mente: presenças tranquilizadoras, oferta de companhia, de um norte a seguir, objetos de transferência, remetentes de nosso texto.

Nesta posição, a escrita trará para nós, da melhor forma, essa voz do ausente, já mais ao longe, mas sempre lá. Nosso texto será produto de um encontro e de um posterior distanciamento – essa separação tão necessária quanto o primeiro tempo, o da fusão, quando sequer sabíamos da existência do outro. É quando abrimos uma ferida em nosso narcisismo – portador da perfeição e da completude –, que se abre também um espaço para pensar e, pensando, poder criar a partir da falta e da necessidade de buscar.

Escrever será também para nós uma forma de trazer o ausente para perto, para junto, e formar novamente com ele uma unidade; e será justamente por essa separação e essa ausência que teremos de escrever, de colocar em curso nossa produção, pois já não nos pensamos completos, já não nos pensamos uno. Mais um dos paradoxos que são tão caros à Psicanálise.

Writing is the voice of an absent person

Abstract: From Freud's phrase contained in the title, this article aims understand which objects are present in the process of writing a paper in psychoanalysis. These objects are physically absent, but subjectively mark his presence all the time, as much as we develop a text. His influence will have a more positive or more negative character, assisting us in this process or hindering our writing. These nuances are defined by quality of the Ego Ideal and the Ideal of Ego, as the way that we could in our psychic dynamics.

Keywords: writing; ego ideal; ideal-ego; narcissism; psychoanalysis; reader; Freud.

La escritura es la voz del ausente

Resumen: Este artículo pretende, a partir de la frase de Freud que figura en el título, entender qué objetos están presentes en el proceso de escribir una obra en el psicoanálisis. Estos objetos están físicamente ausentes, pero subjetivamente marcan su presencia todo el tiempo, en la medida en que desarrollamos un texto. Su influencia tendrá un carácter más positivo o más negativo, ayudándonos en este proceso u obstaculizando nuestra escritura. Estos matices son definidos por la calidad yo ideal y el ideal del yo, como el tráfico posible en nuestra dinámica psíquica.

Palabras clave: escritura; yo ideal; ideal del yo; narcisismo; psicoanálisis; lector; Freud.

Referências

- Freud, S. (1981) Fragmento da análise de um caso de histeria. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud*. (L L Ballesteros, Trad., Vol. 1, 4. ed.) Madrid: Biblioteca Nueva. (Trabalho publicado originalmente em 1905).
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In: S Freud, *Obras completas* (P C Souza, Trad., Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho publicado originalmente em 1914).
- Freud, S. (2011). O eu e o id. In S Freud. *Obras completas* (P C Souza, Trad., Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho publicado originalmente em 1923).
- Freud, S. (2011). O problema econômico do masoquismo. In S Freud. *Obras Completas* (P C Souza, Trad., Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho publicado originalmente em 1924).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In S Freud. *Obras Completas* (P C Souza, Trad., Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho publicado originalmente em 1930).
- Lispector, C. (1998) *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco.

Ana Cláudia S. Meira
Av. Goethe, 71/1001
Bairro Rio Branco Porto Alegre – RS
anameira@gmail.com